

A LINGUAGEM NO AUTISMO

Marina Martins Bialer¹

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo-SP, Brasil.

RESUMO. O presente artigo ancora-se no estudo dos escritos autobiográficos da autista Lucy Blackman com o objetivo de elucidar a aquisição e o desenvolvimento da sua linguagem. A partir dessa análise, realçamos a distinção que a escritora realiza entre sua linguagem oral e sua linguagem escrita, descritas como uma forma de bilinguismo. Privilegamos uma leitura psicanalítica lacaniana acerca da linguagem, enfocando a aquisição da linguagem como um processo de subjetivação, em torno do qual procuramos delimitar as especificidades desta no autismo. A opção de utilização do material autobiográfico como substrato da pesquisa, embora pouco usual no campo dos estudos em psicologia no tema do autismo, viabilizou uma quantidade significativa de dados clínicos ao abarcar 40 anos da vida de Lucy, articulando autores no interior da psicanálise que se dedicaram a pensar o autismo com os relatos autobiográficos, o que nos permitiu cumprir o objetivo proposto de aprofundar o conhecimento científico acerca do autismo.

Palavras-chave: Autismo; linguagem; autobiografia.

LANGUAGE IN AUTISM

ABSTRACT. This article is anchored in the study of the autobiographical writings of autistic Lucy Blackman in order to elucidate the acquisition and development of her language. From this analysis, we highlight the distinction that the writer makes between her oral and written language, described as a form of bilingualism. We privilege a Lacanian psychoanalytic perspective on language, focusing on the acquisition of language as a process of subjectivation, and we seek to delimit the specificities of language in autism. The choice of using autobiographical material as the substrate of this research, although unusual in the field of psychology studies on autism, provided us with a significant amount of clinical data covering forty years of Lucy's life, articulating authors in the field of psychoanalysis that dedicated themselves to think about autism on the basis of autobiographical accounts, which enabled us to meet the proposed goal of deepening the scientific knowledge about autism.

Keywords: Autism; language; autobiography.

EL LENGUAJE EN EL AUTISMO

RESUMEN. El presente artículo se fundamenta en el estudio de los escritos autobiográficos de la autista Lucy Blackman con objeto de aclarar cómo se realiza la adquisición y el desarrollo de su lenguaje. A partir del análisis propuesto, ponemos énfasis en la distinción que hace la escritora entre su lenguaje oral y su lenguaje escrito, descritos como una forma de bilingüismo. Privilegamos una lectura psicoanalítica lacaniana acerca del lenguaje, abordando la adquisición del lenguaje como un proceso de subjetivación, alrededor del cual buscamos delimitar las especificidades de esta en el autismo. La opción por utilizar el material autobiográfico como sustrato de la investigación, aunque poco habitual en los estudios en psicología en el campo del autismo, viabilizó una cantidad significativa de datos clínicos al abarcar cuarenta años de la vida de Lucy, articulación de autores en el campo del psicoanálisis que se dedicaron a pensar en autismo con los relatos autobiográficos, lo que nos permitió cumplir el objetivo propuesto de profundizar el conocimiento científico acerca del autismo.

¹ E-mail: mbialer@hotmail.com

Palabras-clave: Autismo; lenguaje; autobiografía.

Introdução

O presente artigo ancora-se no estudo dos escritos autobiográficos da autista Lucy Blackman para elucidar como se deu a aquisição e o desenvolvimento da sua linguagem. Privilegiamos uma leitura psicanalítica lacaniana, enfocando a aquisição da linguagem como um processo de subjetivação, em torno do qual procuramos delimitar as especificidades desta no autismo. No material autobiográfico produzido pelos escritores pertencentes ao espectro autístico Birger (Sellin 1995, 1998), Ido (Kedar, 2013), Lucy (Blackman, 2001, 2005, 2013, 2015), Naoki (Higashida, 2014), Owen (Suskind, 2014) e Temple (Grandin & Scariano, 2014), notamos uma maneira singular de aquisição e desenvolvimento da linguagem, sendo premente uma distinção entre a linguagem escrita e a linguagem oral, sendo que todos esses escritores realçam como a escrita é a principal vertente que lhes permite organizar o pensamento e se expressar.

Dentre os autistas escritores acima citados, Birger, Ido e Lucy são autistas que apesar de se expressarem fluentemente pela escrita, permanecem em um quadro de mutismo autístico. No entanto, mesmo os autistas falantes destacam a importância que tinha para eles a escrita. O autista Naoki Higashida (2014), embora seja capaz de falar, a não ser que esteja lendo um livro ou cantando para si, sem finalidade de comunicação, é incapaz de dizer o que pensa pela fala. Ele explica que sua voz era vivida como reconfortante quando dita sem objetivo comunicacional, ao repetir palavras e frases familiares, enquanto “a voz que não consigo controlar é diferente. Ela escapa de mim sem querer” (p. 29), tornando-se uma “voz estranha” (p. 30), cuja emissão é impossível de ser controlada, pois “é quase impossível de segurar, e se eu tento é doloroso, quase como se eu estrangulasse minha própria garganta” (p. 30). Conversas eram sempre um desafio árduo a ser enfrentado, implicando um longo trabalho mental, pois “conversar é um trabalho muito duro! Para ser compreendido, é como se eu tivesse que falar numa língua estrangeira desconhecida” (p. 34), principalmente se implicasse falar das emoções.

Enfocaremos no presente texto a linguagem no autismo, enfocada pelo viés da importância da escrita para os autistas não falantes. O autista não falante Birger Sellin entrou em um quadro de mutismo autístico, ficando em quase repleto mutismo dos dois até os 17 anos de idade. Nesse período, parecia a maior parte do tempo isolado, folheando incessantemente e repetidamente as folhas dos livros de literatura, biografias de personalidade da época etc. Birger sempre estava com ao menos um dos livros da biblioteca de seus pais e mesmo quando destruíam alguns livros, seus pais o deixavam continuar envolto em livros. Ele permanece aparentemente alheio, mas um dia quando seu pai pega uma das suas bolinhas, ele pronuncia uma das únicas frases que diz na vida: “Me devolva aquela bola!” (Klonovsky, 1995, p. 12), retornando imediatamente para seu mutismo autístico. No centro para autistas que frequenta, em duas situações, Birger interrompe nervoso suas professoras, gritando “*bloody murder*” (p. 8), retornando em seguida ao mutismo, mas não demonstrando qualquer interesse no que ocorria a sua volta.

Quando tem por volta de 17 anos de idade, por meio do método de comunicação assistida, em um árduo e laborioso trabalho de digitar letra por letra, Birger começa a escrever. No início, só conseguia se concentrar para escrever até no máximo dez linhas, mas rapidamente já escrevia inúmeros textos longos. Quando pôde finalmente se expressar pela escrita, Birger conta que enquanto parecia totalmente alheio a tudo e a todos, estava extremamente conectado a tudo o que ocorria a sua volta. Enquanto folheava os inúmeros livros da biblioteca parental, afirma que: “eu li muitos extraordinários livros impressionantes desde meu quinto ano de vida e eu guardo em mim todos os seus conteúdos importantes como preciosos tesouros” (Klonovsky, 1995, p. 24).

O psicanalista Maleval (2009) afirma que durante muito tempo, os primeiros relatos autobiográficos de autistas foram vistos com desconfiança pelo meio científico, questionando-se se a diagnóstica estaria correta nesses casos, ou se no caso de autistas não falantes como Birger Sellin, suas autobiografias não seriam farsas produzidas por facilitadores, que ofereciam um ponto de apoio para sua mão durante a escrita. No entanto, cada vez mais surgiam relatos de autistas não falantes que ainda manifestavam severos quadros sintomatológicos típicos do autismo clássico, como Lucy, Carly, Tito e Ido, e que não

utilizam o apoio do facilitador, embora todos salientem considerar que este é um recurso válido e que foi uma etapa necessária para a escrita de vários autistas não falantes.

A vertente de abordagem do autismo defendida pelo psicanalista Maleval (2009) sustenta a importância da escrita para o funcionamento psíquico do autista, destacando esses escritos como invenções de um sujeito em um trabalho para encontrar soluções para seu mal-estar e suas sintomatologias. Ele ressalta que o estudo desse material contempla a posição ética psicanalítica de se balizar no saber do sujeito para se relacionar com o autista, sublinhando que a maneira pela qual cada autista pode sair do quadro de retraimento autístico e abertura para o laço social é privilegiadamente original. Enfocaremos no presente artigo a especificidade do desenvolvimento da linguagem no autismo, alicerçando-nos no estudo dos escritos de Lucy Blackman para focar a importância da linguagem escrita no autismo.

A linguagem da autista não falante Lucy Blackman

A australiana Lucy Blackman, autista não falante, manifesta isolamento autístico, mutismo autístico, comportamentos bizarros, perturbações sensoriais, alterações da linguagem, presença de estereotípias, gosto por *sameness*, dificuldades sociais severas, dificuldade de compreensão da linguagem verbal e não verbal, vivência do mundo como caótico, severa dificuldade de se apropriar do corpo próprio e automatismos. Após aprender a escrever pelo método de comunicação assistida/facilitada, tornou-se capaz de se expressar pela escrita, tendo publicado duas autobiografias (Blackman, 2001, 2013).

Os primeiros textos escritos por Lucy, aos 14 anos de idade, são realizados junto com sua facilitadora Rosie, escrevendo o que julga ser “minha primeira sentença real”: “EUQUEROVIDATRANQUILA” (Blackman, 2013, p. 18), relatando que ela própria se surpreendeu ao ler o que escreveu. Logo a seguir, Rosie começou a pressioná-la a dizer algo que ela não queria, ao que respondeu “EUADMINISTROOTEMPODOMEUJEITONÃOODOSEU” (p. 18).

Explica que nessa época podia se comunicar pela escrita, mas quando alguém lhe perguntava algo, respondia a primeira imagem que vinha a sua mente, relatando uma confusão entre a palavra que visualizava na sua mente, ou mais precisamente que via no “olho da mente” (p. 24) e o que queria expressar. Muitas vezes expressava uma imagem que podia ser associada de modo relativamente aleatório. Nesse âmbito, afirma que “usava [a] linguagem como se eu estivesse lendo palavras no meu cérebro” (Blackman, 2013, p. 35), expressando uma “linguagem visual” (p. 35) do que visualizava e associava mentalmente. No decorrer da evolução da sua escrita, precisava realizar um *tracking* do seu pensamento em uma “tela mental” (p. 35) equivalente a uma caneta laser apontando algo para uma audiência, para que, então, sua mão duplicasse o que havia visto projetado nesta tela e digitasse essa imagem.

Quando tentava pegar um objeto do mundo e nomeá-lo, relata a dificuldade para “fazer as palavras chegarem à minha tela visual interna para transcrevê-las para criar uma versão que construísse uma ponte sobre o buraco” (Blackman, 2013, p. 124). Quando queriam que descrevesse um objeto, podia se sentir tonta, vivenciando uma desorientação similar à que vivia quando tentava descrever algo que havia visto no passado e que não estava mais visível no presente.

A maior parte do tempo, ela podia ver as palavras na sua mente, enquanto as digitava, sendo que posteriormente estas palavras podiam se ligar ao objeto. Em algumas raras situações, relata que podia falar uma palavra ligada à representação conceitual que as outras pessoas compartilhavam desta mesma palavra, mas enfatiza que tinha que ficar comparando-as para tentar integrar estas duas modalidades – conceitual ou referencial - como se estivesse realizando um experimento no qual fosse tanto a pesquisadora quanto o tema de pesquisa.

Ao ver seus primeiros textos escritos – inicialmente por meio de uma máquina de datilografar que foi seu “primeiro passaporte para a linguagem” (Blackman, 2013, p. 18) – começou a se visualizar digitando como se fosse outra pessoa falando consigo mesma, imaginando-se sentando sobre o próprio corpo, enquanto observa a “outra Lucy” (p. 24) digitar. Designa essa interação entre as duas Lucy como um “*role playing*” (p. 24) pela invenção de diálogos imaginários com esse outro-duplo que se torna uma “âncora” (Blackman, 2005, p.167) na sua mente.

Explica que redigiu sua autobiografia como se fosse uma pesquisadora escrevendo a biografia de outra pessoa, descrevendo a importância de poder se apropriar, por exemplo, do que via nos vídeos de suas conversas com pesquisadores do autismo ou nos exercícios de comunicação facilitada, realçando

que por esta metodologia de escrita, podia dramatizar imaginariamente a cena na qual situava a pessoa com quem podia se “identificar dentro daquele *setting*” (Blackman, 2013, p. 124). Também pôde se apropriar das inúmeras histórias de “narrativa familiar” (p. 125) a seu respeito, muitas das quais abordavam vários dos seus sintomas autísticos e o impacto desses na rotina familiar, por meio desse procedimento de se visualizar mentalmente dramatizando a vivência relatada pelos outros.

Ao contrário de alguém que teria uma deficiência no aparelho fonatório, que uma vez reparado voltaria a falar normalmente, ela enfatiza que, no seu caso, não tinha nem a estrutura da linguagem, nem o impulso/ a mobilização para conversar com os outros. Relata que após estruturar sua linguagem como “um patchwork de frases” (Blackman, 2013, p. 25) precisava tentar encaixá-las como respostas aos outros, afirmando que seria o mesmo movimento que crianças pequenas aprendendo a falar tiveram que fazer, aprendendo na relação com os outros a adequar respostas e perguntas, no entanto, no seu caso não haveria uma incorporação da estrutura da linguagem.

Inicialmente, relata que seus textos surgiam de sons e cores que descreve como uma “música interior no sentido de som lírico autístico” (Blackman, 2013, p. 106) que transforma em palavras. No entanto, após um tratamento auditivo, relata que perdeu esta música interior, de modo que “minha linguagem interior/interna tinha mudado completamente” (p. 106). Explica que anteriormente sua voz e sua mente funcionavam em uníssono, mas quando se aproxima de uma linguagem sua compartilhada, tudo muda:

minha linguagem digitada e minhas palavras visuais eram reforçadas positivamente por aquele processo mágico. Isto é, tanto meus barulhos quanto minhas ocasionais palavras faladas haviam sido completamente separadas do pensamento. Ocasionalmente, a partir desta época, as palavras que eu pronunciava significavam algo para o ouvinte, embora de fato fossem somente pedidos e rótulos/etiquetas/legendas/letrados. No caminho para um processamento de linguagem mais típico/normal, eu perdi o mais precioso presente da poesia do pensamento, de uma mente e de um corpo dançantes (Blackman, 2013, p. 106).

Somente após anos escrevendo Lucy reencontra “o dom do prazer autístico” (Blackman, 2013, p. 106) derivada das palavras e das imagens. Isto foi viável quando ela começou a participar de um grupo de pessoas que se expressam digitando. No grupo mensal “*The Brotherhood of the Wordless*” (Blackman, 2013, p. 106), ela se reúne em um centro comunitário em Brisbane para “escrevermos da imaginação mais do que passar fatos como as pessoas convencionais pensam ser importante” (p. 106). Relata que em seus pares encontrou companhia para algo que é inapreensível para os não autistas, que tendem a considerar a linguagem autística como muito abstrata, afirmando a importância desta linguagem – impregnada por imagens, música e oriunda de uma voz íntima privada – para que pudesse pensar e resolver algumas de suas questões. Nesse âmbito, realça que apesar da dificuldade para expressar algumas informações básicas corriqueiras, tinha uma avidez especial para pensar e escrever a respeito de “pensamentos complexos” (p. 106).

Aos 19 anos, torna-se capaz de realizar uma alteração na “perspectiva de linguagem” (Blackman, 2013, p. 72), ao perceber que ao falar, seu objetivo era comunicar algo para o outro. Em algumas situações as confusões eram originadas pelo fato de Lucy privilegiar a tonalidade ou o ritmo em detrimento do conteúdo falado. Nesse sentido, ela cantava “Parabéns para você” quando estava brava, uma vez que os picos de som era o que havia destacado dessa música, enfatizando que “quando eu canto, posso ouvir a melodia, mas somente aproximar as palavras que vão com ela” (p. 129), em decorrência de sempre obter “sentido, entendimento e emoção divorciados da palavra falada” (p. 129).

Embora saliente que nessa época “a linguagem se tornou explicável para mim” (Blackman, 2013, p. 72), ressalta que tanto oralmente quanto digitando era incapaz de descrever e expressar “o passado, o não-significativo e o invisível” (p. 72). Não era capaz de apreender pela linguagem o que estava ausente, não podendo estabelecer a conexão de causa e efeito, o registro de memória ou situar onde as partes do próprio corpo estavam no passado ou pressupor onde estarão no futuro. Aos 20 anos de idade, tornou-se capaz de acessar uma experiência que não vivera a partir do que escutava em uma conversa, mas ainda não era capaz de incluir nos seus textos algo ausente.

Nesta época, relata que surgiu uma avidez em conversar, ela queria poder se expressar e dialogar oralmente com os outros. Ela equipara esta avidez àquela que surge em bebês e crianças, mas com décadas de atraso. Apesar da emergência desta volição, quando está com 30 anos, comenta que ao olhar outra pessoa, só consegue expressar grunhidos, geralmente expressos em um único gemido. Se

tentava lutar para produzir fala, sua “mente fica *blank* – literalmente” (Blackman, 2013, p. 72). Ela contrapõe esse impulso para falar que surgiu na vida adulta a seu sobrinho em quem notara desde bebê esses impulsos que descreve como sociais e que o impulsionavam a construir os alicerces da linguagem antes mesmo de conhecer as palavras. Ela tece a hipótese que em decorrência das suas perturbações sensoriais, foi afetado esse impulso, sendo que não havia desenvolvido alguns desses alicerces da linguagem. Após seu primeiro tratamento auditivo, percebeu que quando tinha o impulso para falar, sua boca e sua língua começavam a se mover, mas nunca conseguiam operacionalizar uma fala.

Quando tenta responder por monossílabas em interações com os outros, relata que dizia palavras ininteligíveis, mesmo quando achava que estava se expressando com clareza. Nesse contexto, suas tentativas de expressar oralmente as palavras que digitava também fracassaram. Quando tentava imitar as palavras faladas por outra pessoa, também não obtinha sucesso. O máximo que obteve foi a capacidade ocasional de reconhecer uma palavra que dizia como equivalente à que havia digitado.

Progressivamente construiu uma expertise sobre a linguagem humana, mas sempre como observadora. Quando alguém tentava obrigá-la a participar de uma conversa, perdia completamente a capacidade de compreender o que era dito. Já na posição de uma pesquisadora da linguagem, externa à interação, podia atribuir alguns sentidos ao que era conversado.

A linguagem privada constituída de palavras visualizadas

Quando escutava as pessoas falando, Lucy não conseguia organizar as palavras ouvidas. Havia uma premência do referente visual, além da perturbação em transformá-las em algo mental. Nesse contexto, necessitava ler o que digitava em uma tela, assim como seu próprio processamento psíquico implicava muitas vezes em criar “uma tela imaginária na minha cabeça” (Blackman, 2013, p. 49). Nesse sentido, realça a importância que teve seu hábito de começar a escrever em um diário todas suas experiências. Ela atribui ao esforço de observação e descrição, e posteriormente a viabilidade de se ler e de se apreender na tela imaginária, à possibilidade de compreender várias características do seu processamento sensorial, que até então eram desconhecidas, pois cotidianamente precisava inventar estratégias para organizar sua apreensão do mundo, de si própria e dos outros, por meio de “palavras baseadas na imagem” (Blackman, 2013, p. 110) que puderam ser organizadas a partir do desenvolvimento da sua linguagem.

Há a premência de um registro imagético, sob a forma de “imagens fotográficas” (Blackman, 2001, p. 72) que, inicialmente, eram acumuladas na sua mente até poderem ser retrabalhadas por meio de um processamento equivalente a um scanner que registra e organiza esses dados. A ancoragem dessa organização mental lhe possibilita registrar os “processos mentais perdidos” (p. 72), podendo compreender lentamente as palavras que ouvia e que eram apreendidas de um modo fragmentado, construindo um *patchwork* desses fragmentos de palavras e imagens de modo a organizar sua mente.

Sua expressão escrita era viável pela junção de imagens e de palavras escritas, sendo premente um registro de palavras que ela aproxima de ideogramas em detrimento de uma apreensão fonética, de tal modo que sua linguagem se edifica na imagem referente. Nesse âmbito, afirma que no seu processamento era similar fazer um quebra-cabeça ou a transposição do que escrevia para uma fala, não havendo a predominância verbal nesse processo.

Ao contrário dos progressos obtidos pelo desenvolvimento da premência da imagem na construção da linguagem, de um modo geral, Lucy manifestava dificuldades na compreensão do sentido das palavras escutadas, sendo que muitas vezes se fixava em uma imagem mental que desencadeava, por si só, uma associação com as palavras, de modo que muitas vezes ela somente podia expressar algo correspondente a esta imagem, independente da adequação à palavra originalmente registrada. A voz registrada podia ser repetida em eco e Lucy podia falar algumas poucas palavras para designar algo, mas persistia uma dificuldade severa de compreensão dos elos de encadeamento, por exemplo, de causa e efeito do que ela escuta, a despeito da evolução da sua capacidade de compreensão pela escrita.

A apreensão da voz das outras pessoas também era impossibilitada, sendo registrada sem ser discriminada de outros ruídos, o que dificultava a escuta da dimensão significativa da linguagem. Sua hipersensibilidade auditiva produzia um registro flutuante dos sons ocasionando a sensação de dor e vertigem na sua mente, o que aumentava seu medo em face de um mundo vivido como assustador e inseguro. Em uma das raras enunciações realizadas por Lucy ao longo de toda a sua vida, ela chamou

espontaneamente e enfaticamente sua mãe - "Mummy-iy" (Blackman, 2001, p. 39), mas essa expressão da voz foi tão violentadora que, logo antes de soltar a voz, ela foi tomada por um lugar de "silêncio morto" (p. 39) na sua mente. Nesse sentido, Lucy ressalta ter desenvolvido uma linguagem privada que não conseguia passar pela "barreira" (p. 42) da fala. Em algumas situações, Lucy pensava em falar uma palavra e emitia um som, achando que havia expressado aquela palavra que pensara, quando, de fato, o que ela pensou somente pôde "sair" na sua mente e não da sua garganta; o ruído que ela emitia não saía formando uma palavra, mas saía como algo "sem forma" (Blackman, 2005, p. 148). No seu mutismo, quando sentia vontade de falar, surgia o sentimento de um "silêncio interno" (Blackman, 2001, p. 43) e ela combatia esta assustadora vivência de ter que deixar um vazio ou vácuo originado pela expulsão da voz.

Havia também a eventual expressão explosiva de sons que tinham a particularidade de estarem vinculados a lembranças que voltavam à sua mente e que remeteriam a situações emocionais registradas. Havia um registro da emoção conectada ao contexto no qual a palavra foi escutada, mas não havia a permanência desta mesma palavra, por exemplo, quando ouvida sendo falada por diferentes pessoas em diferentes contextos. Lucy descreve, então, que na construção da sua linguagem, prevalece uma conexão que liga para sempre a palavra ao contexto emocional singular como um *tag* entre a palavra e a emoção-contexto que origina uma "imagem impressa na sua cabeça" (Blackman, 2005, p. 162) constituída a partir de algo sensorial ou algum outro elemento associativo que lhe permite designar aquela palavra, mas não criar a sua representação mental pela associação palavra-som, retratando a prevalência do signo icônico na estruturação do seu pensamento e da sua linguagem.

Lucy distingue, portanto, a linguagem usada para a conversa e a linguagem visual que ela podia desenvolver ancorada em "palavras e frases impressas" (Blackman, 2013, p. 74) visualmente equivalente a uma rotulação da "imagem impressa na minha cabeça" (p. 74) que é o estrato para seu pensamento.

Em relação à escrita, há uma distinção de duas modalidades de escrita: ela tinha que lutar para se expressar pela escrita que implicasse uma posição enunciativa, precisando "resgatar" (Blackman, 2001, p. 86) suas palavras antes que elas se afogassem em um automatismo ou em uma mecanização sem sentido. Para viabilizar essa expressão, era preciso enfrentar sua dificuldade com o ar, vivenciado como um muro concreto, que podia criar obstáculos para que pudesse digitar no teclado do aparelho que utilizava para escrever. Em oposição à escrita mais pessoal, o ar não se tornava um obstáculo para a expressão escrita da cópia de palavras ou trechos sem um sentido ou sem uma carga emocional, sendo que, nesse caso, ela podia perceber seus próprios movimentos corporais vinculados ao ato de escrever.

Outros tratamentos como medicação, complementos nutricionais e o tratamento auditivo lhe viabilizaram estabelecer uma nova regulação de seu corpo e a apreensão da relação do corpo com a linguagem, com o mundo e com os outros. Após a aquisição desse novo equilíbrio, obteve o *insight* que "a linguagem nos humanos tem várias funções ... eu posso ver que usar a linguagem também cria a imagem de si e localiza [a pessoa] no espaço, no tempo e na sociedade" (Blackman, 2013, p. 49). A obtenção destes *insights* acerca do próprio funcionamento psíquico também lhe possibilitou compreender a relação entre a linguagem e o pensamento, comparando como esses se imbricavam no autismo e no não autista.

Além das melhoras obtidas após o tratamento auditivo, Lucy destaca a importância dos seus cursos de graduação em estudos literários na Universidade Deakin, que desemboca na sua tese de conclusão de curso, na qual em um dos capítulos inventa a estória de uma personagem ficcional. Ela distingue sua maneira de construir uma narrativa ficcional do que seria a maneira predominante no não autista: "Escrevendo uma cena que criei para uma estória, eu revisito o rascunho várias vezes e construo laboriosamente os incrementos. Um pensador mais usual imaginaria uma narrativa e então preencheria os buracos. Então eu estou realmente ancorando padrões/modelos" (Blackman, 2013, p. 106). Nesse mesmo sentido, aborda a relação entre sua linguagem e seu pensamento: "função da linguagem é somente em parte comunicação. A função da minha linguagem é de mudar meus pensamentos caóticos para dentro de um universo interno coerente onde pode haver paz" (Blackman, 2013, p. 107).

Em contraponto à tranquilidade quando não precisa se expressar oralmente, sua vivência é que "para mim, conversa/conversação é caos em tempo e som" (Blackman, 2013, p. 107), de modo que sua maneira primordial de estruturar uma linguagem coerente era pela leitura de textos escritos, realçando que "a razão para minha falta de fala é cravada/ancorada no meu autismo" (p. 108).

Lucy enfatiza que enquanto observadora, na sua posição de pesquisadora da linguagem humana, procurou observar nas várias conversas como as pessoas interagiam. Contrapõe o que pode aprender desta posição do que teria sido forçá-la a imitar comportamentos e movimentos que nunca teria sido capaz de vivenciar como próprios. Para escrever suas narrativas e estudar a linguagem humana, utiliza livros, transcrições de conversas, textos e cartas que escreveu ou recebeu, além das “conversas reconstruídas” (Blackman, 2013, p. 102) a partir do seu lugar externo de observação. Com esse substrato, pode inventar sua própria “narrativa de conversa/conversaçoão” (p. 102) a partir de um lugar externo, pois “eu sou uma pesquisadora, não uma participante do mundo falante” (p. 123).

Nesta pesquisa universitária, Lucy se dedica a descrever, comparar e distinguir entre as conversas que via no dia a dia daquelas presentes nos estudos literários. Considera que no primeiro grupo há todo um jogo de imbricações entre o que um diz e o outro, os sinais não verbais, gestos e movimentos corporais, descrevendo que ao contrário de serem conceituados como estratégias ou artifícios, esses simultâneos interjogos verbais e não verbais são o “cimento da coesão social” (Blackman, 2013, p. 102). Já na escrita narrativa, descreve que a construção do personagem pode se reduzir a uma síntese desse interjogo do personagem com os outros, enfatizando, no entanto, a importância da relação com o leitor. Salienta haver uma restrição da narrativa que transforma todas as múltiplas conversas e interações não verbais em uma sequência, podendo desembocar em uma apreensão mais linear. Contudo, relata que as palavras escritas, tanto em poesias quanto na modalidade narrativa, poderiam se concretizar em um “artefato tridimensional” (p. 102), que permitiria abarcar em parte esta multiplicidade apagada e normatizada por uma linearidade.

De uma linguagem privada ao prazer do compartilhamento da linguagem escrita e o bilinguismo oral/escrito

Lucy enfatiza a importância de ser capaz de escrever seus livros enquanto uma “narrativa pessoal” (Blackman, 2013, p. 50). Relata que ao usar a narrativa, encontrou uma forma de apresentar sua experiência para os outros de um modo que eles podiam acolhê-la. Na universidade, cursa várias disciplinas que abarcam a teoria e a prática literária de escrita narrativa. Progressivamente, Lucy engloba, por meio da escrita narrativa, todas suas experiências, incluindo seus diários, mas também cartas, vídeos e textos, sendo que esse movimento retrospectivo de repensar a própria vida desembocou no trabalho tecelão das experiências de vida prévias. Além disso, no processo de escrita, Lucy se imagina um leitor para quem endereça o que escreve, e “dentro da estrutura de criar uma narrativa e imaginar um leitor” (p. 64), pode obter novos *insights* que até então não ocorriam.

Enquanto em um primeiro momento suas histórias não se dirigiam aos outros, mas se restringiam a um manuseio solitário e prazeroso das possibilidades linguísticas, com o desenvolvimento da sua escrita, Lucy sente mais prazer em escrever para seu leitor como uma modalidade de compartilhar seu “magnífico mundo interno [que] deve ser compartilhado” (Blackman, 2001, p.201), direcionado ao leitor.

No decorrer das autobiografias, Lucy discrimina sua linguagem privada, visual, da linguagem significativa, ancorada em uma dimensão invisível que ela não consegue apreender. Ao poder escrever diariamente sobre si nos seus diários e por meio de cartas enviadas a outras pessoas e dos trabalhos escritos para a escola, Lucy começou a inventar novas formas de usar a linguagem, podendo obter uma compreensão das suas perturbações sensoriais e da sua diferente modalidade de relação com a linguagem. O que antes era registrado caoticamente, ao ser pensado e organizado pela linguagem, pôde alicerçar novos *insights* que lhe propiciam pensar e registrar a sua vida de outra maneira, de modo que pôde pensar e reorganizar tanto suas experiências atuais, quanto passadas.

Progressivamente, a necessidade de formatar parcialmente sua linguagem privada por meio do desenvolvimento de sua linguagem escrita lhe possibilitou determinar encadeamentos de causa-e-efeito em relação às suas ações e aos efeitos que estas poderiam produzir no ambiente. Inicialmente, esse processo intelectual era recluso e não deveria ser compartilhado com outras pessoas, mas no decorrer do tempo, a possibilidade de compreender a lógica do que outrora parecia caótico lhe permitiu compreender ordenações da realidade, das relações etc., que antes pareciam totalmente desreguladas e ela pode se abrir mais para o laço social.

É tão intenso o esforço mental exigido para conciliar a linguagem privada com a sua expressão pela escrita que Lucy vivencia esta conjunção como implicando a reconstrução de sua personalidade que deveria ser desmembrada e religada para formar as letras, permanecendo, no entanto, uma separação

entre a escrita do seu “self falante” (Blackman, 2005, p. 146) e o fato de que algo da sua linguagem alicerçada em imagens era inapreensível pela escrita e não podia ser compreendida, permanecendo um registro de uma linguagem privada sem sentido e incomunicável.

Para Lucy, grande parte da sua vida a relação com a linguagem permaneceu sendo mais uma modalidade de se expressar para poder se apreender do que uma modalidade de comunicação na qual entrega algo essencial da sua existência aos outros pela linguagem. No seu caso, a relação com a linguagem é “reversa/inversa” (Blackman, 2005, p. 153) em relação à função que ela tem para com as outras pessoas, frisando que algumas funções que a linguagem exerce para as outras pessoas, e não para ela, dizem respeito à criação de um lugar no tempo/espço/social e à origem da imagem de si, sendo esta uma das áreas compensadas pela escrita e pelo desenvolvimento do pensamento ancorado nas imagens. Nesse âmbito, designa sua linguagem inicialmente como uma “linguagem interna subdesenvolvida” (Blackman, 2013, p. 23), o que remete à incapacidade de se lembrar como as coisas foram, a inviabilidade do registro de experiências prévias de uma maneira organizada que forneceria uma “linguagem chave/solução” (p. 24) para apreender e organizar o mundo, enfatizando que é “por meio da linguagem que se forma/estrutura/configura a inteligência” (p. 76).

Nesse contexto, afirma que sua linguagem escrita é sua língua materna, ao contrário da linguagem oral que é caracterizada como uma língua estrangeira, assim como a linguagem transmitida pelo outro humano, por exemplo, por meio das atividades escolares. Sua linguagem escrita se desenvolveu de modo autodidata por meio da invenção e sistematização de estórias que inventava para si mesma, alicerçada em uma linguagem privada que não objetivava a comunicação com os outros e que era constituída de registros da sua memória visual, ao contrário da linguagem oral que não era desenvolvida e permanecia desconectada do campo da imagem e da palavra escrita. Destaca a premência cada vez mais significativa de uma modalidade de relação com a linguagem na qual a palavra escrita e a palavra falada não são registradas nem organizadas da mesma maneira, o que a torna praticamente “bilíngue” (Blackman, 2001, p. 72) na linguagem escrita e oral do inglês, com prevalência da escrita para a estruturação da sua linguagem e do seu pensamento.

Considerações finais

A análise das autobiografias escritas por autistas em mutismo nos permite corroborar com as afirmações do psicanalista Maleval (2009) acerca da originalidade dessa escrita, destacando especialmente a viabilidade destes autistas se comunicarem por escrito, em contraposição à impossibilidade de se expressarem pela fala. Lucy desemboca em algumas conclusões em consonância com os relatos de outros autistas que realçam que a linguagem escrita pode ser a língua materna – o tesouro dos significantes da humanidade que pode ser adquirido e transmitido pela escrita, mas não pela fala.

Nessa linha de argumentação, a psicanalista Bernardino (2015) tem um artigo dedicado à reflexão acerca da escrita no autismo. Ela parte de um caso clínico de uma criança autista para quem houve uma primazia da escrita e que só pôde falar após ter se comunicado por escrito com a analista. Nesse âmbito, ela procura abarcar uma experiência inaugural de relação com o outro viabilizada primordialmente pela escrita enquanto meio pelo qual essa criança pode transmitir pela linguagem (escrita) algo para outras pessoas.

Na nossa análise dos autistas escritores acima citados é premente a existência do autodidatismo, como descrevemos mais detalhadamente em relação a Birger e a Lucy. Nesse sentido, ambos descrevem a importância da imersão nos seus livros, apontando para uma aquisição de linguagem desconectada da presença encarnada da fala do Outro, mas de uma transmissão autoerigida a partir dos livros. Nesse mesmo sentido, Bernardino afirma que “no autismo o encontro com o Outro primordial não se dá, no sentido de que a criança não estabelece um laço com esse agente encarregado de encarnar, para ela, a função de introduzi-la no campo da linguagem” (Bernardino, 2015, p. 505). Enquanto Bernardino deriva dessa peculiar modalidade de relacionamento com a linguagem, “a não inscrição do significante” (p. 505) no autismo, o psicanalista Maleval (2009) irá abarcar a viabilidade de uma não incorporação do significante primordial, pelo viés de uma modalidade de assimilação que permite o acesso ao campo do significante. Esta relação peculiar do autista à linguagem, segundo Maleval (2007), explica a evasiva da enunciação em decorrência da retenção do objeto pulsional voz, que não é colocado no campo do Outro, e que pode elucidar as manifestações de Lucy – o mutismo, a

explosão esporádica de expressões marcadas por angústia e cuja emissão é vivida como uma mutilação, a presença de uma voz íntima, a distinção marcante entre escrita e oral. Demonstramos, nesse contexto, como Lucy pode ter acesso ao campo da linguagem significativa, embora de uma maneira singular, sendo prevalente o que Maleval (2009) caracteriza como uma recusa deste, ou o que observamos em Lucy como a prevalência do registro imagético/icônico e da escrita.

Embora formulem maneiras distintas de relação com o campo da linguagem, ambos os psicanalistas afirmam a viabilidade do surgimento do lugar do outro – analisado em termos da transferência para Bernardino, e em termos do lugar do leitor na literatura escrita por autistas, para Maleval (2009). Descrevemos em Birger e em Lucy, mas também detectamos nos outros autistas escritores, a premência de uma entrada no campo da linguagem sem a intermediação dos pais, professores etc., o que, todavia, não impossibilitou o posterior endereçamento da escrita aos leitores, aos outros, ao contrário, ambos salientam a importância do surgimento do lugar do leitor na escrita do autista.

Lucy descreve como o desenvolvimento da sua linguagem se ancorou na predominância do referente e da imagem, permitindo o desenvolvimento do seu pensamento e a viabilidade de utilizar a linguagem escrita como uma forma de apreender o mundo, organizar sua apreensão de si, do mundo, e construir sua narrativa diária. Realçamos, todavia, que se tratou da construção autodidata dessa língua materna, que pode se ancorar nos livros, mas que precisou excluir a presença encarnada do outro, particularmente da sua voz, para que fosse possível a aquisição e o desenvolvimento da linguagem. Seus relatos corroboram com afirmações de Bernardino e Maleval acerca da importância de um interlocutor privilegiado dos seus textos, elucidando a viabilidade do endereçamento ao outro quanto a sua importância subjetiva.

Referências

- Bernardino, L. M. F. (2015). A importância da escrita na clínica do autismo. *Estilos da Clínica*, 20(3), 504-519. <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v20i3p504-519>
- Blackman, L. (2001). *Lucy's story: autism and other adventures*. London/Philadelphia, PA: Jessica Kingsley Publishers.
- Blackman, L. (2005). Reflexions on language. In D. Biklen. *Autism and the myth of the person alone* (pp. 146-167). New York/London: New York University Press.
- Blackman, L. (2013). *Carrying autism, feeling language: beyond Lucy's Story: autism and other adventures*. Brisbane: Australia: Book in Hand.
- Blackman, L. (2015). A sense of wonder – knowing my hand. (pp. 20-22). In A.
- Sequenzia & J. E. Grace. *Typed words, Loud voices*. Fort Worth, TX: Autonomous Press.
- Grandin, T., & Scariano, M. M. (2014). *Uma menina estranha: autobiografia de um autista*. São Paulo: Schwarcz.
- Higashida, N. (2014). *O que me faz pular*. (R. Durst, Trad.) Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Kedar, I. (2013). *Ido in Autismland: climbing out of autism's silent prison*. Lexington, KY: [s.n].
- Klonovsky, M. (1995). Introduction. In B. Sellin. *I don't want to be inside me anymore: messages from an autistic mind*. (A. Bell, Trad.) (pp. 1-33). New York: Basic Books.
- Maleval, J-C. (2007). "Plutôt verbeux" les autistes. *La Cause Freudienne*, 66, 127-140
- Maleval, J-C. (2009). *L'autiste et sa voix*. Paris: Du Seuil.
- Sellin, B. (1995). *I don't want to be inside me anymore: messages from an autistic mind*. (A. Bell, trad.) New York: Basic books.
- Sellin, B. (1998). *La solitude du déserteur: un autiste raconte son combat pour rejoindre notre monde* (M. Keyser, Trad.). Paris: Robert Laffont.
- Suskind, R. (2014). *Life, animated: story of sidekicks, heroes and autism*. Los Angeles, CA/New York: Kingswell.

Recebido em 14/02/2017

Aceito em 20/10/2017

Marina Martins Bialer: Pós-doutoranda PSE-USP, doutora em psicologia clínica pela USP; doctorat en psychopathologie université paris 7, especialista em psicologia Unifesp. <http://orcid.org/0000-0003-4650-5138>.